

A haplogia na mídia falada em Belo Horizonte

The haplology in the media spoken in Belo Horizonte

Priscila Soares Evangelista¹

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo: Este artigo aborda o fenômeno da haplogia e sua ocorrência na mídia falada em Belo Horizonte². Alguns estudos já foram feitos sobre a haplogia, mas este é o primeiro que focaliza sua incidência na mídia falada. A haplogia é um fenômeno de natureza fonológica, que consiste na eliminação da última sílaba átona de uma palavra, ou da vogal desta sílaba, quando seguida de sílaba átona inicial de outra palavra. Os dados analisados foram coletados através das gravações em áudio dos programas de rádio e TV, tais como: *Rádio Band News FM Belo Horizonte*, *Os Donos da Bola e Brasil das Gerais*, pertencentes às categorias *informação e entretenimento*. A partir da análise dos dados, verificou-se que alguns gêneros de programa são mais propícios a realização do fenômeno do que outros. Os gêneros Variedades e Esportivo por apresentarem um formato mais dinâmico tendem a usar fala mais espontânea, o que favorece a realização da haplogia. Já o gênero jornalístico (radiofônico), por apresentar notícia a ser ouvida apenas uma vez, tem a tendência de utilizar um discurso claro, uma fala mais policiada e lenta, o que inibe consideravelmente a realização do fenômeno. Logo, a categoria *informação* foi a que menos apresentou haplogia.

Palavras Chave: Fonologia do português. Processo fonológico. Haplogia. Variação linguística. Mídia falada.

Abstract: This article addresses the phenomenon of haplology and its occurrence in the media spoken in Belo Horizonte. Some studies have already been done on haplology, but this is the first that focuses on its incidence in spoken media. Haplology is a phenomenon of phonological nature, which consists of the elimination of the last unstressed syllable of a word, or of the vowel of this syllable, when followed by the initial unstressed syllable of another word. The analyzed data were collected through the audio recordings of the radio and TV programs, such as: *Band News FM Belo Horizonte Radio*, *The own of Ball* and *Brazil of general*, belonging to the categories information and entertainment. From the analysis of the data it was verified that some program genres are more propitious to the realization of the phenomenon than others. The genres Varieties and Sporting for presenting a more dynamic format tend to use more spontaneous speech, which favors the accomplishment of haplology. The journalistic (radiophonic) genre, because it presents news to be heard only once, tends to use a clear speech, a more polite and slow speech, which considerably inhibits the realization of the phenomenon. Therefore, the information category was the one that presented least haplology.

Keywords: Phonology of Portuguese. Phonological process. Haplology. Linguistic variation. Media spoken.

¹ Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil, priscilapucminas2010@gmail.com

² Este trabalho teve seu início na graduação, por meio do programa de iniciação científica, financiado pela PROBIC/FAPEMIG, entre os anos de 2014 a 2016, sob orientação do Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira.



1 Considerações iniciais

O mineiro é conhecido por “comer” o final das palavras. Muitos programas humorísticos no rádio e na TV, como também na internet, ligam o modo mineiro de falar ao caipira, o que contribui para a estigmatização do linguajar mineiro. Entretanto, o que se observa é que a redução fonológica tão presente na fala dos mineiros não apenas faz parte do linguajar do campo ou do interior de Minas Gerais, mas também se mostra presente na capital, mais especificamente na fala dos belo-horizontinos.

Pesquisas anteriores, como a de Mendes (2009), apontam que o mineiro (em sua fala coloquial) tende a realizar mais haplogogia que na fala formal. Uma das explicações para isso é o fato de que, em situações informais, os falantes tendem a prestar menos atenção à fala, favorecendo, assim, o surgimento da haplogogia. Já em situações formais, o falante tende a policiar mais a fala, evitando pôr em prática algumas variações linguísticas. Isso evidencia o fato de que o estilo de fala escolhido pelo falante, no momento do discurso, pode favorecer ou desfavorecer a realização do fenômeno.

No caso da mídia, é o gênero do programa que vai definir o tipo de linguagem a ser utilizada. A respeito disso, Mengarda e Sangaletti (2012) explicam que, dependendo do tipo de programa, a linguagem pode oscilar bastante entre os estilos formal e informal. De acordo com Labov (2008), a alternância de estilo só é possível, uma vez que “não existe falante de estilo único. Alguns informantes exibem um espectro de alternância mais amplo que outros, mas todo falante que encontramos exibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social e o tópico.” (LABOV, 2008, p. 243)

Desse modo, os programas mais populares, como os de entretenimento, por exemplo, apresentam um formato mais dinâmico em que a espontaneidade e a naturalidade tanto do apresentador, quanto dos convidados, são elementos chave para que se tenha uma aproximação maior com o telespectador. Nesse tipo de programa, a linguagem utilizada segue um estilo mais informal. Por outro lado, os programas ligados à categoria informação, como os jornalísticos, tendem a usar fala mais policiada, apresentando, assim, um estilo mais formal.

De certo, sabemos que, até mesmo nos programas de entretenimento, tanto o apresentador quanto os convidados estão sobre pressão constante, seja da câmera, seja da audiência, seja do público, o que teoricamente contribui para uma fala mais monitorada. Isso realça a ideia de que o contexto social no qual o falante está inserido pode intervir na formação

da sua fala (TARALLO, 1986).

Diante disso, queremos compreender como o processo da variação linguística, em especial a haplologia, se dá dentro da mídia falada em Belo Horizonte e, dessa forma, verificar se o discurso da mídia falada desfavorece o surgimento da haplologia quando comparado ao que acontece na fala coloquial. Ainda ressaltamos que este é o primeiro estudo a focalizar o fenômeno da haplologia na mídia falada. Os estudos anteriores, até então, destacavam a ocorrência do fenômeno apenas na fala coloquial.

2 O que é haplologia

A haplologia é uma variável linguística do português brasileiro muito presente na fala dos belo-horizontinos. Sua principal característica é o apagamento da última sílaba átona da palavra, ou da vogal dessa sílaba, quando seguida de sílaba átona inicial de outra palavra. Assim sendo, ao lado de uma pronúncia como ‘*litro de leite*’, encontramos também a pronúncia ‘*li[-] de leite*’ ou ‘*massa de tomate*’ como ‘*mas[-] de tomate*’. Dessa forma, a haplologia apresenta, portanto, duas variantes, conforme exemplificado. Variantes são as diversas formas de representação de uma variável. Em resumo, podemos definir a haplologia como um processo em que “(há perda fonológica de [sonoridade]), mas não há perda de informação semântica.” (LEAL, 2006, p. 60).

Por ser muito presente na fala do mineiro, esse fenômeno tornou-se marca de identificação do falar regional. Em muitos programas humorísticos, é comum ver representações estereotipadas do mineiro como caipira, estigmatizando, assim, a fala regional. Entretanto, em alguns discursos humorísticos, é possível perceber a haplologia sendo representada de forma equivocada, uma vez que ela não ocorre quando:

- a) ambas as sílabas da fronteira forem tônicas:

Ex: ‘*chorar lágrimas de crocodilo*’ ———> “*cho-lágrimas de crocodilo*”

- b) a sílaba candidata ao apagamento for tônica.

Ex: ‘*o dominó sumiu*’ ———> “*o domi-sumiu*”

Contudo, quando o assunto se refere aos contextos favorecedores à aplicação do fenômeno, as opiniões divergem. Para alguns estudiosos, como Alkmin e Gomes (1982), os únicos contextos propícios à ocorrência do fenômeno são aqueles cujas consoantes apresentem

os traços [-contínuo, - nasal, +coronal], isto é, /t/ e /d/. Além disso, a consoante candidata ao apagamento deve ser acompanhada por vogal de traço [+alto], ou seja /i/ ou /u/. Como condição para que o processo ocorra, ambas as sílabas da fronteira devem ser átonas e não podem apresentar consoante com traço [+nasal]. Ainda de acordo com a visão dessas autoras, só é considerado haplogogia o processo em que há a perda total da última sílaba átona da palavra.

De acordo com essa perspectiva, somente os contextos /tv#tv/, /dv#dv/, /tv#dv/, /dv#tv/ são favoráveis à realização do fenômeno, como em: ‘estado de espírito’ para ‘esta[-] de espírito’ ou ‘diferente de todos’ para ‘diferen[-] de todos.’ Como regra, essas autoras apresentam a haplogogia da seguinte maneira:

Regra de haplogogia segundo Alkmin e Gomes (1982, p. 51)

$$\begin{array}{cccccc}
 \mathbf{C} & & \mathbf{V} & \mathbf{\#\#} & \mathbf{C} & & \mathbf{C} & & \mathbf{V} \\
 \left(\begin{array}{l} + \text{ cor.} \\ - \text{ cont.} \\ - \text{ nasal} \end{array} \right) & & \left(\begin{array}{l} + \text{ alto} \\ - \text{ acento} \end{array} \right) & & \left(\begin{array}{l} + \text{ cor.} \\ - \text{ cont.} \\ - \text{ nasal} \end{array} \right) & \left\{ \left\{ \begin{array}{l} + \text{ soa.} \\ - \text{ cont.} \\ - \text{ nasal} \end{array} \right\} \right\} & & & [- \text{ acento}] \\
 \mathbf{1} & & \mathbf{2} & & \mathbf{3} & \mathbf{4} & & & \mathbf{5} \\
 & & & & \mathbf{\emptyset\emptyset \#\# 3(4)5} & & & &
 \end{array}$$

Se, de fato, a haplogogia só ocorre nesse contexto, temos então um pequeno problema. Como explicar, por exemplo, esses casos ocorridos nos programas de mídia falada, selecionados neste estudo?

1. ‘... a *gen[-]* tá num mundo muito diferente.’ (a gente tá) Brasil das Gerais
2. ‘...a única coisa que eu *ten[-]* na vida são eles...’ (tenho na) Rádio Band News
3. ‘...a turma vem criticando *falan[-]* que eu tô falano menas...’ (falano que) Os donos da Bola

Como se pode ver, a regra estipulada por Alkmin e Gomes (1982) não dá conta de explicar os casos inesperados, como os mostrados acima, uma vez que,

- no exemplo 1, houve cancelamento de sílaba átona final seguida por sílaba tônica inicial de outra palavra;
- no exemplo 2, houve cancelamento envolvendo consoante com traço [+nasal];
- no exemplo 3, houve apagamento parcial da última sílaba átona ‘o’.

Tenani (2003) expande um pouco mais a regra. De acordo com ela, a haplogogia não ocorre apenas entre duas sílabas átonas, como explicam Alkmin e Gomes (1982). Conforme essa autora, o fenômeno também aparece quando a última sílaba é átona e a primeira é tônica, como mostrado no exemplo 1.

Outro ponto relevante que causa divergência entre as opiniões são os contextos consonantais favorecedores à realização do fenômeno. A respeito disso, Mendes (2009), faz uma importante ressalva, segundo ela,

As consoantes em ambiente propício ao fenômeno são aquelas cujos traços são iguais ou semelhantes. Essa igualdade ou similitude de fronteira consonantal é a que mais facilita o processo fonológico de apagamento da sílaba no fenômeno da haplogogia. (MENDES, 2009, p. 86)

Diante disso, ela explica que os contextos fonológicos propícios à realização do fenômeno não são limitados apenas aos fonemas /t/ e /d/, como mostram Alkmin e Gomes (1982). A autora comprova isso com base nos estudos de fala dos residentes de Belo Horizonte. De acordo com ela, o belo-horizontino produz haplogogia em todos os contextos fonológicos, incluindo os nasais, como mostrado no exemplo 2. Isso contrapõe o que diz as autoras, Alkmin e Gomes (1982), Pavezi (2006) e Leal (2006) uma vez que defendem a ideia de que o fenômeno só atinge as fronteiras com traço [-nasal].

Nesta pesquisa, concordamos com o que diz Mendes (2009), uma vez que encontramos outros contextos propícios à realização do fenômeno, tais como: /vv#nv/, /mv#nv/, /mv#fv/, /nv#nv/, /nv#dv/, /zv#sv/, /lv#vv/, /rv#sv/, /rv#dv/, /dv#pv/, /trv#dv/, entre outros.

Outro ponto que causa discordância entre as opiniões é o tipo de cancelamento que resulta no fenômeno. Alguns autores, como Alkmin e Gomes (1982), Pavezi (2006) e Leal (2006), só consideram haplogogia o processo fonológico que resulta no cancelamento total da última sílaba átona da palavra. Nesta pesquisa, porém, observamos que, no processo de haplogogia, também pode ocorrer cancelamento parcial, indicando, assim, dois tipos de apagamento: o primeiro é quando a sílaba átona final sofre um apagamento total, verificado nos seguintes exemplos:

- ‘O merca[-] de trabalho ta aí...’ (mercado de) _ *Brasil das Gerais*.
- ‘Quarta feira todo mun[-] no Mineirão.’ (mundo no) _ *Os donos da bola*
- ‘É uma ação bastante interessan[-] tomara que dê certo.’ (interessante tomara) _ *Rádio Band News FM Belo Horizonte*.

Já o segundo acontece quando existe um apagamento parcial da sílaba átona final, como verificado no exemplo 3, “...a turma vem criticando *falan[-] que* eu tô falano menas...”. (falano que). Como se pode ver, somente a vogal final ‘o’ foi apagada. Segundo Mendes (2009), isso acontece “para em seguida apagar ou não a consoante, em um processo de ressilabificação.” (MENDES, 2009, 30).

3 Teoria da variação

Durante muito tempo a língua foi vista como uma competência linguística internalizada na mente humana, os estudos até então eram focados unicamente no indivíduo. Entre essas correntes, podemos citar a dos gerativistas, que acreditavam ser a língua um sistema homogêneo, pronto e acabado, excluindo, assim, qualquer ideia de variabilidade. Entretanto, com o passar do tempo, foi-se percebendo que, em uma mesma língua, podiam aparecer formas variantes, ou seja, maneiras alternativas de se dizer a mesma coisa, o que teoricamente indicaria uma variação. Isso acabou obrigando os gerativistas a tomarem posição quanto a essa questão. Diante disso, eles compreenderam as variantes como regras opcionais, na qual caberia ao falante selecionar, no momento do discurso, o tipo de regra a ser usada.

Os estudiosos passam, então, a compreender o sistema fonológico como algo variável; todavia, sua presença nos estudos linguísticos acaba sendo ignorada. Isso muda a partir da década de 1960 com os estudos desenvolvidos por William Labov na área da variação e mudança linguística. Em 1963, ele apresenta, então, seu primeiro estudo sociolinguístico com base em análises qualitativas e quantitativas, no qual considera tanto os fatores linguísticos, quanto os extralinguísticos como influenciadores no processo da mudança/variação. Por meio de seus estudos, Labov (1966) mostrou que a mudança linguística apresenta uma organização, ou seja, não é feita de forma aleatória, o que a faz ser passível de investigação.

Posteriormente em 1968, Weinreich, Labov e Herzog (1968) desenvolvem a Teoria da Variação com a finalidade de identificar e descrever os fatores empíricos (sociais ou linguísticos) que condicionam o uso das variantes em determinada comunidade de fala. Nessa teoria, o falante é identificado como um ser social que carrega em sua fala traços linguísticos típicos de seu grupo social. Assim, por ser heterogêneo, um grupo apresenta, portanto, semelhanças e diferenças linguísticas, o que justifica, por exemplo, o compartilhamento de certos traços linguísticos entre seus falantes. Esses traços funcionam como marcas de



diferenciação de um grupo para o outro. Daí a ideia de Labov (1972/2008), de que a variação deve ser estudada com base no grupo e não no indivíduo isolado.

Como resultado, os falantes tendem a usar as variantes do grupo ao qual tem contato. Assim sendo, em uma comunidade de fala, é comum ver formas variantes em competição. Essas formas variantes são, na verdade, maneiras alternativas de se dizer a mesma coisa; assim, ao lado de uma frase do tipo, “o *menino caiu* do telhado”, podemos encontrar também “o *meni[-] caiu* do telhado”. A variável linguística, nesse caso, é a haplologia, e suas variantes são a realização ou não do fenômeno.

Na sociedade, essas variantes apresentam, portanto, valores, o que significa que podem ser prestigiadas (quando apresenta valor social), neutras, ou estigmatizadas (quando denotam desprestígio social). A respeito disso, Camacho (2006) explica que:

As formas em variação adquirem valores em função do poder e da autoridade que os falantes detêm nas relações econômicas e culturais. Assim, uma variante, como presença de marca de plural no sintagma nominal, é conhecida como detentora de prestígio social entre os membros da comunidade, sendo por isso chamada variante padrão ou de prestígio. Já sua alternativa, a ausência de marca de plural, é conhecida como variante não padrão ou estigmatizada. (CAMACHO, 2006, p. 59).

As variantes de maior prestígio, por exemplo, tendem a se manter no uso linguístico das classes mais altas, enquanto as estigmatizadas pelas classes mais baixas, são usadas tanto na fala casual quanto na cuidada. A respeito disso, Labov (1972/2008) faz uma interessante observação: segundo ele, as mulheres empregam menos as variantes estigmatizadas do que os homens. Isso se justifica porque, em uma comunidade de fala, as variáveis linguísticas podem se relacionar com as classes sociais, o que leva os falantes a sofrerem pressão social para que usem a variável padrão. As mulheres são as que mais sofrem com isso, uma vez que, perante a sociedade, elas devem mostrar um comportamento diferenciado, e isso inclui a sua linguagem. Devido a isso, as mulheres preferem, então, as formas com mais prestígio social.

Desse modo, vários fatores podem exercer influência no processo da variação linguística, como o gênero do falante, a classe social, a escolaridade, a idade, entre outros. Nesse sentido, os estudos ligados à variação linguística têm como foco descrever os aspectos sociais e linguísticos que podem controlar a realização das variantes em um determinado grupo social.

4 Metodologia

Esta pesquisa fundamenta-se em primeira instância no modelo variacionista

desenvolvido por Labov, apresentado nos livros *A Pesquisa Sociolinguística* (TARALLO, 1986) e *Padrões Sociolinguísticos* (LABOV, 1972/2008).

A coleta de dados foi feita por meio das gravações em áudio dos programas de rádio e TV, a saber, *Brasil das Gerais*, (do canal Rede Minas, pertencente à categoria entretenimento, gênero variedades), *Os Donos da Bola*, (do canal Band Minas, pertencente à categoria entretenimento, gênero esportivo) e *Rádio Band News FM_Belo Horizonte* (frequência 89,5 MHz, pertencente à categoria informação, gênero jornalístico). Nesta pesquisa, como se pode ver, a haplogia foi estudada com base em duas categorias: informação e entretenimento. Vale ressaltar que todos os programas escolhidos são realizados em Belo Horizonte e têm como público alvo os belo-horizontinos.

O programa televisivo *Brasil das Gerais*, do Canal Rede Minas, é direcionado a temas variados, ligados à saúde, à cidadania, à cultura, ao comportamento, à educação, à segurança pública, entre outros. Durante o programa, vários especialistas, jornalistas e pessoas comuns são convidadas a debaterem sobre uma série de assuntos ligados tanto à atualidade, quanto às histórias de Minas Gerais. Os debates são sempre mediados por uma apresentadora. O programa *Brasil das Gerais* está no ar há mais de dez anos e se tornou referência em Minas Gerais.

Em contrapartida, *Os donos da Bola* é um programa esportivo transmitido pela Rede Bandeirantes a vários estados do Brasil. Durante os anos de 2013 a 2017, esse programa teve sua versão mineira, tendo como foco principal a desenvoltura dos times mineiros em campo (Cruzeiro, Atlético MG e América). Os debates eram mediados por um apresentador, que, juntamente com a banca de comentaristas e convidados especiais (jogadores de futebol, por exemplo), discutiam assuntos variados ligados aos times, jogos e polêmicas do mundo do futebol.

Já o programa de rádio *Band News FM Belo Horizonte* pertence à categoria informação; gênero jornalístico. A rádio também faz parte do Grupo Bandeirantes de Comunicação e é responsável por alimentar parte da programação da rede BandNews FM. A cada 20 minutos são transmitidos boletins de notícias nacionais atualizados. Desses 20 minutos, cerca de 4 a 6 minutos são destinados a notícias locais. O programa segue os formatos de nota, notícia, reportagem, boletim, entrevista e externa.

Esta pesquisa foi feita com base em análises qualitativas e quantitativas. Para a análise, foram escolhidos três programas de cada gênero. O tempo aproximado de gravação de cada programa foi de 15 minutos, totalizando, assim, 2 horas e 15 minutos de gravação analisada.

Vale ressaltar que, no total, foram utilizados 1190 *tokens*. Como o intuito da pesquisa é analisar o vernáculo da fala, optou-se por utilizar os trechos em que os apresentadores de TV não utilizaram o *prompter* (ponto eletrônico que exhibe o texto a ser lido pelo apresentador). Com relação ao programa de rádio, o cuidado foi ainda maior. Como os locutores utilizam o texto escrito para ser lido, selecionamos apenas as entrevistas para a análise. Vale frisar que foram avaliadas tanto a fala dos apresentadores/locutores quanto a dos convidados (especialistas, estudantes, comentaristas esportivos, jogadores de futebol e pessoas comuns) de diferentes faixas etárias e níveis educacionais.

Após a seleção do material, foi realizada a transcrição das gravações para posteriormente serem separados os casos com contextos propícios à ocorrência do fenômeno. Esses casos foram analisados qualitativamente, usando-se, para isso, o modelo fonológico autosssegmental. Esse modelo busca fazer uma interpretação teórica da sílaba, levando em consideração os “aspectos suprasegmentais da fala, como tons e acento” (SILVA, 2009, p. 205).

Em seguida os dados foram analisados quantitativamente usando-se, para isso, o pacote estatístico *GoldVarb2001*, que proporcionou uma análise multivariada (regressão linear múltipla) dos efeitos estruturais (contexto fonológico) e não estruturais (gênero do programa, velocidade da fala, educação do informante, profissão, estilo de fala e faixa etária dos falantes) que possam favorecer ou desfavorecer a ocorrência do fenômeno. Em seguida, os dados fornecidos pelo programa *GoldVarb2001* foram analisados.

A análise variacionista realizada, nesta pesquisa, associou “as condições de produção de uma variante aos aspectos linguísticos e sociais”. (MENDES, 2009, p. 43). As variantes linguísticas analisadas foram: a *classe gramatical* das palavras candidatas a sofrerem ou não o processo de haplologia, o *contexto fonético seguinte e precedente* das consoantes envolvidas, o *contexto fonético precedente da vogal* da sílaba candidata ao apagamento total ou parcial e a *velocidade de fala* dos participantes. Já os fatores sociais analisados nesta pesquisa foram: *gênero dos participantes, nível educacional, profissão, estilo de fala, faixa etária e o gênero dos programas*.

5 Análise dos dados coletados

Os dados coletados revelaram que os falantes na mídia falada em Belo Horizonte tendem



a produzir dois tipos de haplogogia, total e parcial, assim como na fala coloquial. Durante a pesquisa, foi observada uma incidência muito maior de casos com cancelamento total (101 casos), do que parcial (15 casos). O tipo silábico CV foi o que mais favoreceu a realização do fenômeno; no entanto, também foram observados casos com o tipo CCV. Os tipos mais produtivos com sílaba composta (CCV) foram aqueles formados pelos contextos segmentais /trv#dv/, como mostrado a seguir:

- ...as questões comportamentais *den[-]* das empresas... (dentro das) _ *Brasil das Gerais*
- ... eu perdi lá *den[-]* de casa. (dentro de) _ *Brasil das Gerais*
- ... *den[-]* do programa. (dentro do) _ *Rádio Band News FM Belo Horizonte*
- ... e *den[-]* de campo? _ *Os Donos da Bola*
- ... *den[-]* desse contexto. _ *Os Donos da Bola*

Vale ressaltar que, no caso do item ‘dentro’, verificado nos exemplos acima, ele pode estar associado a uma possível questão lexical. No entanto, tal questão será verificada em estudos futuros, em uma perspectiva da Difusão Lexical³. Dessa maneira, Oliveira (1992) explica que esse modelo “propõe que as mudanças sonoras sejam vistas como sendo lexicalmente graduais e foneticamente abruptas.” (OLIVEIRA, 1992, p. 32). Essa explicação pode esclarecer, por exemplo, o fato de que, em um mesmo contexto, um item possa sofrer variação enquanto o outro não.

No decorrer desta pesquisa, também foram observados alguns casos de haplogogia entre sílabas finais átonas seguidas de sílabas iniciais tônicas, como se observa a seguir:

- ...querendo mudar algum *comportamen[-]* seu. (comportamento seu) _ *Brasil das Gerais*
- ... *martirizan[-]* quando eu não conseguia falar com a pessoa... (martirizano quando) _ *Brasil das Gerais*
- Ficar contano, *falan[-]* mui da vida pessoal. (falano muito) _ *Brasil das Gerais*
- ...além de perder a *naturalida[-]* perde a essência... (naturalidade perde) _ *Brasil das Gerais*
- ...então um tem um *tem[-]* pa fazer, o outro tem outro tempo... (tempo para) _ *Rádio Band News FM Belo Horizonte*
- ...o *temp[-]* todo quando... (tempo todo) _ *Os Donos da Bola*
- ...era a *gran[-]* chance de finalizar e fazer... (grande chance) _ *Os Donos da Bola*

³ A respeito da Difusão Lexical ler Oliveira (1991)

Os grupos de fatores que mais favoreceram a realização do fenômeno foram: Grupo N (Subs. e Adj.) com 70 casos, Grupo O (Loc., Prep., Adv., Conj., Pron.) com 32 casos e o Grupo V (Verbo) com 14 casos. Não foi observado nenhum caso de haplologia realizada com numeral, interjeição e contração.

Na abertura de todos os programas, observou-se fala mais cuidada e lenta, seguindo um estilo mais formal, o que inibiu consideravelmente a realização do fenômeno. O gênero jornalístico foi o que mais apresentou fala cuidada.

6 Análise dos resultados

Os dados desta pesquisa foram analisados pelo programa estatístico *Goldvarb/Varbrul* 2001. Seguindo às exigências do programa, todos os dados foram codificados e separados em grupos de fatores estruturais (variáveis linguísticas) e não estruturais (variáveis sociais). A seguir, os quadros com a codificação utilizada nesta pesquisa.

Quadro 1- Codificação dos dados

Grupos:		VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS:			
	Haplologia:	1 Haplologia Realizada		0 Haplologia NÃO Realizada	
1	Classe Gramatical:	N (Sub., Adj)	O (Loc., Prep., Adv., Conj., Pron.)	V Verbo	
2	Contexto Fonético Seguinte:	O Oclusiva	F Fricativa	A Africada	S Soante
3	Contexto Fonético Precedente:	O Oclusiva	F Fricativa	A Africada	S Soante
4	Vogal:	A Anterior		P Posterior	
5	Velocidade:	R Rápido		L Lento	

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 2- Codificação dos Dados



Grupos	VARIÁVEIS SOCIAIS:			
6	Gênero:	M Masculino	F Feminino	
7	Educação do informante:	S Superior	M Médio	O Outro
8	Profissão:	L Liberal	N Não liberal	E Estudante
9	Estilo de fala:	F Formal	I Informal	
10	Faixa etária:	Q (16 a 30 anos)	G (31 a 45 anos)	S (46 anos acima)
11	Gênero do programa:	J Jornalismo Band News FM	V Variedades Brasil das Gerais	E Esporte Os Donos da Bola

Fonte: Dados da pesquisa

Ao processar os dados o programa *Goldvarb/Varbrul 2001*, atribuiu-se um peso relativo a cada fator que vai de 0 a 1. Esse valor numérico representa o grau de probabilidade que esse fator tem sobre a regra variável, no caso desta pesquisa, a haplologia. Durante o processamento, quatro grupos de fatores foram eliminados, são eles: Gênero, Educação do Informante, Estilo de Fala e Vogal. As melhores rodadas apresentadas pelo programa foram a 57 *stepping up* e 97 *stepping down*.

Classe Gramatical

O grupo de fatores Classe Gramatical se mostrou relevante na ocorrência da haplologia na mídia. As classes com maior peso relativo apontado pelo programa foram: preposição, locução, conjunção e pronome. As demais classes (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio) tiveram peso relativo próximo ao ponto neutro. A seguir estão os dados em ordem decrescente por peso relativo.

Tabela 01 - Haplologia e Classe Gramatical

Classe Gramatical	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Outros (loc., prep., adv., conj., pron.)	36/159	14	0,77
Nome (adj., subs.)	74/847	66	0,46
Verbo	14/255	19	0,40.

Fonte: Dados da pesquisa

Contexto Fonético Seguinte

O grupo Contexto fonético Seguinte também foi apontado pelo programa como favorecedor no processo da haplologia. As consoantes Africadas e Soantes tiveram maior peso relativo, conforme a tabela abaixo:

Tabela 02 - Haplologia e Contexto Fonético Seguinte

Contexto Fonético Seguinte:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Africada	36/246	20	0,64
Soante	16/182	14	0,55
Oclusiva	60/656	51	0,48
Fricativa	12/177	13	0,31

Fonte: Dados da pesquisa

Contexto Fonético Precedente

O grupo Contexto Fonético Precedente também foi selecionado pelo *stepping up* como favorável à realização do fenômeno. Assim como no Contexto Fonético Seguinte, as consoantes Africadas e Soantes foram apontadas como promissoras na realização do fenômeno.

Tabela 03 - Haplologia e Contexto Fonético Precedente

Contexto Fonético Precedente:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Africada	52/304	25	0,67
Soante	34/285	23	0,55
Oclusiva	31/507	38	0,40.
Fricativa	7/165	12	0,31

Fonte: Dados da pesquisa

Velocidade

A velocidade rápida apresentou um peso relativo bem acima do ponto de neutralidade. Isso significa que a fala acelerada tende a favorecer o processo da haplologia; entretanto, não se anula a possibilidade de ocorrência do fenômeno na fala lenta. A diferença entre o peso relativo da velocidade rápida quando comparado com a lenta foi bem significativo, como mostrado a seguir:

Tabela 04 - Haplologia e Velocidade de Fala

Velocidade:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Rápida	95/253	25	0,89
Lenta	29/1008	74	0,32

Fonte: Dados da pesquisa

Como se pode ver, a velocidade da fala se mostrou bastante relevante para a realização da haplologia na mídia, mas nem todos autores concordam com esse fato. De acordo com os levantamentos realizados por Mendes em 2009, as velocidades rápida, normal e acelerada tiveram valores próximos ao ponto neutro. Com isso, essa autora chegou à conclusão de que a velocidade não é fator relevante para o fenômeno. Entretanto, segundo os levantamentos realizados por essa pesquisa (no caso da mídia), a velocidade rápida teve um peso relativamente alto quando comparado à velocidade lenta, indicando um favorecimento na realização do fenômeno.

Profissão

O grupo Profissão também foi selecionado pelo *stepping up* como favorecedor do fenômeno. Os fatores Estudante e Não liberal apresentaram peso relativo acima do ponto de neutralidade, já o fator Liberal inibiu a aplicação da haplologia, apresentando peso relativo bem abaixo do ponto de neutralidade.

Tabela 05 - Haplologia e Profissão

Profissão:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Estudante	06/38.	3	0,57
Não liberal	102/1015	80	0,53
Liberal	16/208	16	0,31

Fonte: Dados da pesquisa

Faixa Etária

O grupo Faixa Etária também se mostrou relevante para a realização do fenômeno. A idade que apresentou maior peso relativo foi 46 anos acima. Por outro lado, as idades entre 31 a 45 anos apresentaram peso relativo próximo ao ponto de neutralidade, enquanto as idades entre 16 a 30 apresentaram peso relativo bem abaixo do ponto de neutralidade.

Tabela 06 - Haplologia e Faixa Etária

Faixa Etária	Aplicação Total	%	Peso Relativo
46 acima	39/381	30	0,58
31 a 45 anos	69/635	50	0,51
16 a 30 anos	16/245	18	0,31

Fonte: Dados da pesquisa

Gênero do Programa

Os gêneros variedades e esportivo apresentaram peso relativo bem acima do ponto neutro, indicando favorecimento no processo da haplologia. Em contrapartida, o gênero jornalístico apresentou peso relativo bem abaixo do ponto de neutralidade. Isso indica que o jornalístico inibe consideravelmente a realização do fenômeno quando comparado aos demais gêneros.

Tabela 07 - Haplologia e Gênero do Programa

Gênero do Programa:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Variedades	59/454	37	0,66
Esportivo	42/296	24	0,60.
Jornalístico	23/511	38	0,28

Fonte: Dados da pesquisa

Os fatores Gênero, Educação do Informante, Estilo de Fala e Vogal foram eliminados pelo *Varbrul*. Como o peso relativo desses fatores apresentou oscilação, optou-se por utilizar apenas os percentuais.

Gênero

Segundo os levantamentos realizados por essa pesquisa, o gênero masculino realiza mais a haplogogia que o feminino. De acordo com a teoria desenvolvida por Labov (1972/2008), as mulheres tendem a usar mais a variante padrão, o que diminui a realização do fenômeno. Isso significa que, diante de uma variante socialmente desprestigiada, a mulher tende a assumir uma postura mais conservadora. Perante a sociedade, ela deve assumir uma posição mais cautelosa, digna de sua condição feminina, e isso inclui o seu comportamento linguístico. Várias pesquisas já apontaram o fator Gênero como importante aliado na variação linguística. Entretanto, tanto nesta pesquisa quanto na apresentada por Mendes (2009), o grupo de fator gênero não se mostrou relevante na aplicação do fenômeno, sendo eliminado pelo *stepping down*, do programa *Varbrul*.

Tabela 08 - Haplogogia e Gênero

Gênero:	Aplicação Total	%
Masculino	74/845	66
Feminino	50/416	33

Fonte: Dados da pesquisa

Educação do Informante

A escola sem dúvida interfere na escrita e na fala das pessoas. Teoricamente quanto maior o nível de escolaridade dos falantes menor será a utilização de formas socialmente desprestigiadas; entretanto, de acordo com os dados desta pesquisa, os falantes com nível superior realizaram mais haplogogia que os com menos escolaridade. Talvez isso esteja ligado ao fato de que boa parte dos participantes dos programas tenham nível superior. De acordo com a pesquisa realizada por Mendes (2009), os níveis de escolaridade (fundamental, médio e superior) se mostraram favoráveis na aplicação da haplogogia. Entretanto, no caso da haplogogia na mídia, o grupo de fator escolaridade (superior, médio e outro, aqui analisado), não foi

apontado pelo *stepping up* como significante, sendo eliminado pelo *stepping down*.

Tabela 09 - Haplologia e Educação do Informante

Educação do Informante	Aplicação Total	%
Superior	103/1104	87
Médio	6/45	3
Outro	15/112	9

Fonte: Dados da pesquisa

Estilo de Fala

Conforme Mendes (2009), o estilo de fala informal se mostrou bastante relevante na produção da haplologia. Entretanto, no caso da mídia falada, esse grupo não apresentou significância na sua produção, sendo eliminada pelo *stepping down* do *Varbrul*.

Tabela 10 - Haplologia e Estilo de fala

Estilo de Fala	Aplicação Total	%
Formal	92/1042	81
Informal	32/219	18

Fonte: Dados da pesquisa

Vogal

O grupo das vogais também não teve significância na aplicação da haplologia na mídia, sendo eliminado pelo *stepping down*.

Tabela 11 - Haplologia e Vogal

Vogal:	Aplicação Total	%
Anterior	60/353	29
Posterior	64/908	70

Fonte: Dados da pesquisa

7 Considerações finais

Os levantamentos feitos por esta pesquisa indicam que alguns fatores como a classe gramatical, o contexto fonético seguinte e precedente, a velocidade de fala, a profissão, a faixa etária dos informantes e o tipo de programa (como o noticiário, a entrevista e o programa de entretenimento) podem favorecer ou inibir a ocorrência da haplologia.

Por meio da coleta dos dados, observou-se que o discurso realizado na mídia falada favorece a ocorrência da haplologia, assim como na fala coloquial. Entretanto, verificou-se que alguns gêneros de programa são mais propícios à realização do fenômeno do que outros.

Os gêneros Variedades e Esportivo, por apresentarem um formato mais dinâmico, tendem a utilizar textos mais coloquiais, o que possibilita uma maior aproximação com os convidados e telespectadores. Nesse tipo de programa, o *prompter* não tem tanta importância; sendo assim, o apresentador fica livre para utilizar uma linguagem mais próxima do coloquial. Como a presença da câmera exerce certa “pressão” nos convidados, os apresentadores procuram direcionar o debate ou a entrevista de forma que o convidado se sinta o mais à vontade possível para dar sua opinião sobre determinado assunto.

Dessa forma, observou-se que os programas de entretenimento tendem a usar fala mais espontânea, o que favorece a realização do fenômeno. De acordo com o levantamento feito, o gênero variedades foi o que mais apresentou haplologia, com um total de 59 casos, seguido do gênero esportivo com 42 casos.

Já o gênero jornalístico segue um padrão mais formal. Por mais que o texto jornalístico tente utilizar uma linguagem mais comum, ainda assim é possível perceber a presença de um texto mais elaborado baseado nas normas gramaticais. Por apresentar fala mais cuidada, esse gênero foi o que menos favoreceu a realização do fenômeno, apresentando apenas 15 casos. Sendo assim, quando comparado aos demais gêneros, (variedade e esportivo), o gênero jornalístico se mostrou mais sensível à ocorrência da haplologia.

Outro ponto observado nesta pesquisa foi a ocorrência de haplologia entre sílaba final átona seguida de sílaba inicial tônica. Os gêneros que mais apresentaram esse tipo de estrutura foram o esportivo e o de variedades.

Por meio desta pesquisa, observou-se que, no caso da mídia, as variáveis sociais: gênero, educação do informante e estilo de fala tiveram pouca relevância na realização da haplologia na mídia. Os estudantes foram os que mais realizaram o fenômeno, e a idade que mais favoreceu a realização da haplologia foi 46 anos acima. Essas foram as únicas variáveis sociais selecionadas pelo programa *Varbrul* como significantes para a aplicação.



Em contrapartida, a única variável linguística que não se mostrou relevante para o fenômeno foi a das vogais. O grupo de fator classe gramatical (Outros) foi o que mais favoreceu a realização da haplogogia, assim como as consoantes africadas e soantes do grupo contexto fonético seguinte e precedente.

No caso da mídia, a haplogogia acontece com muito mais frequência nas falas rápidas que nas falas lentas. O programa jornalístico (principalmente o de rádio), por ser destinado a ser apenas ouvido, tem a necessidade de apresentar fala mais cuidada. Isso facilita a compreensão da notícia por parte dos ouvintes, inibindo a aplicação do fenômeno. Já os programas de variedades e esporte não apresentam tanto essa preocupação. No início de todos os programas, observou-se uma fala mais cuidada, menos acelerada. Entretanto, no decorrer dos programas de variedades e esporte, os participantes tendem a se envolver mais com o assunto debatido, preocupando-se menos com a presença da câmera. Isso contribui para uma fala menos cuidada, favorecendo a realização do fenômeno.

Dessa forma, pode-se afirmar que tanto a categoria informação quanto entretenimento favorecem a realização do fenômeno aqui estudado. Entretanto, constatou-se que o gênero jornalístico (radiofônico), por apresentar notícia a ser ouvida apenas uma vez, como afirma Farias (2011), tem a necessidade de utilizar um discurso mais claro, uma fala mais policiada e lenta, o que dificulta a realização da haplogogia. Assim a categoria informação foi a que menos apresentou o fenômeno.

Referências

- ALKMIN, Mônica G. R., GOMES, Christina A. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*, no. 7, p.43-51, 1982.
- BATTISTI, Elisa. Haplogogia no português do sul do Brasil: Porto Alegre. *Letras de Hoje. Porto Alegre*, v. 40, n. 3, p. 73-88, set.2005.
- CAMACHO, Roberto Gomes. *Sociolinguística Parte II*. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística domínios e fronteiras. 6 ed. São Paulo, Cortez, 2006.
- FARIAS, Gerson Mario de A. Linguagem e jornalismo: uma reflexão do discurso radiofônico no ciberespaço. *ECCOM*, v. 2, no. 3, p. 52-65, jan/jun.2011.
- LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington. D.C.: Center for Applied Linguistic. 1966a.
- LABOV, William. *On the Grammaticality of Everyday Speech*. Conferência lida diante da Linguistic Society of America, New York City. 1966b.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Caroline Rodrigues Cardoso, Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre. São Paulo: Parábola, 2008.
- LEAL, Eneida de Goes. *Elisão silábica e haplogogia: aspectos fonológicos do falar da cidade paulista de Capivari*, 2006, 165 f., (Dissertação de Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.



PAVEZI, Vanessa Cristina. *A haplologia na variedade paulista*, 2006, 119 f., (Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

MENDES, Regina Maria Gonçalves. *A haplologia no português de Belo Horizonte*, 2009, 149 f., (Dissertação de Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MENGARDA, Elias J.; SANGALETTI, Letícia. A língua na língua dos locutores de rádio do Rio Grande do Sul. *Revista Rádio-Leituras. Ouro Preto*, v.3, no.1, p.83-107, jan/jun2012.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. The neogrammarian controversy revisited. *International Journal of the Sociology of Language*, Berlin, n.89, p.93-105, 1991.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, ano 1, v. 1, p.31-41, jul./dez.1992.

SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e fonologia do português*. 9 ed. São Paulo, Contexto, 2009.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática. 1986.

TENANI, Luciani. Haplologia e domínios prosódicos. *Letras de Hoje. Porto Alegre*, v. 38, n. 4, p. 283-306, dez.2003.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. (1968). Empirical Foundations for a Theory of Language Change, in LEHMANN & MALKIEL (1968) [ed. br.: (2006). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: M. Bagno. São Paulo:Parábola Editorial.]

[RECEBIDO: agosto/2018]

[ACEITO: novembro/2018]